

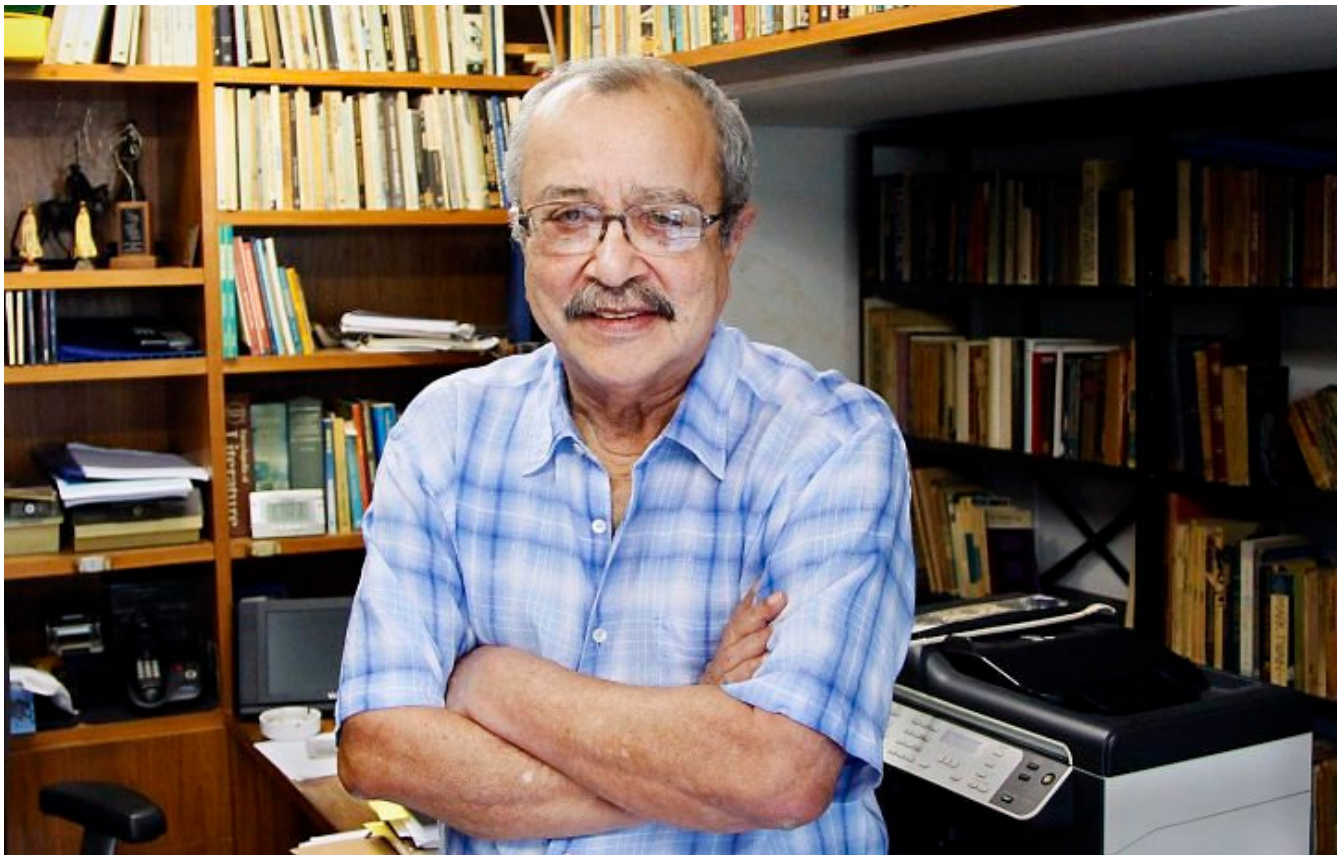
06/06/2011 às 08:14 06/06/2011 às 12:40

## Começa hoje a venda de ingressos para a 9ª Flip



Movimento na entrada da Tenda dos Autores na Flip 2010 Foto: André Teixeira / O Globo

*André Miranda*



RIO - Certamente a correria dos últimos oito anos vai se repetir hoje: a partir das 10h, o tráfego na internet estará intenso, as linhas de telefone de muita gente ficarão ocupadas, e algumas filas serão avistadas nas principais capitais brasileiras. Tudo para que os fãs da boa literatura — e aqueles nem tão fãs assim, mas que estão doidos por um burburinho — possam garantir ao menos um ingresso para as 18 mesas, a conferência de abertura ou o show de abertura da 9ª Festa Internacional de Paraty, a Flip, que ocorre entre 6 e 10 de julho. Pelas experiências das últimas edições, as entradas para as apresentações de alguns autores costumam se esgotar em poucas horas, numa procura que serve bem para se ter uma ideia de quais mesas chamam de cara mais a atenção do público e, ainda, para se compreender como esse mesmo público enxerga o recorte proposto pela curadoria da festa, este ano pela primeira vez a cargo do jornalista Manuel da Costa Pinto.

**SAIBA MAIS** : Flip 2011 já tem mesas com ingressos esgotados

Uma das marcas da Flip 2011 é a maior diversidade de idiomas e origens de seus autores. Com poucas exceções, as grandes estrelas estrangeiras das edições passadas foram escritores de língua inglesa, como Paul Auster, J. M. Coetzee, Robert Crumb, Salman Rushdie, Ian McEwan, Eric Hobsbawm, Richard Dawkins e Tom Stoppard. Neste ano, porém, a seleção é mais variada. O italiano Antonio Tabucchi e o francês Claude Lanzmann, por exemplo, dividem as atenções em popularidade com o americano James Ellroy, o escocês David Byrne e o maltês radicado nos EUA Joe Sacco.

— Minha leitura é que este será o ano mais europeu da Flip. As grandes atrações sempre foram de língua inglesa. Desta vez estarão lá o Tabucchi, o Lanzmann, o Emmanuel Carrère (francês), o Péter Esterházy (húngaro). É um mix maior — afirma Cassiano Elek Machado, diretor editorial da Cosac Naify e curador da Flip em 2007.

Minha leitura é que este será o ano mais europeu da Flip. As grandes atrações sempre foram de língua inglesa. Desta vez estarão lá o Tabucchi, o Lanzmann, o Emmanuel Carrère (francês), o Péter Esterházy (húngaro). É um mix maior

Outro ponto que pode chamar a atenção na programação é a ausência de um grande nome estrangeiro de projeção na literatura de ficção. Ninguém duvida da qualidade da obra dos autores convidados, mas pode-se questionar a penetração entre os leitores brasileiros dos escritores desta Flip. Nesse campo, a estrela poderia ter sido o polêmico francês Michel Houellebecq, mas ele cancelou sua participação há poucas semanas.

— A gente tem que resistir à tentação de avaliar um evento como a Flip pelo viés midiático. Um dos nexos da festa é trazer o novo, o desconhecido, é colocar as pessoas que não se interessam pela literatura em contato com novos autores — diz Roberto Feith, diretor editorial da Objetiva. — Por isso, não podemos criticar o elenco antes de a Flip acontecer. O que podemos dizer é que, neste ano, há uma diversidade maior, seja em

gênero, na geografia ou na língua. E isso é muito saudável.

Responsável pela curadoria, Costa Pinto diz não ter se preocupado com a popularidade dos estrangeiros nem no momento em que fez os convites, nem quando montou as mesas. Somente cinco autores estarão acompanhados apenas por um mediador no palco da Flip, num claro sinal de prestígio: Tabucchi, Lanzmann, Sacco, Ellroy e o brasileiro João Ubaldo Ribeiro. Além disso, diferentemente de outros anos, haverá apenas uma mesa com mais de dois autores, a dos brasileiros Marcelo Ferroni, Edney Silvestre e Teixeira Coelho.

— Para ser muito franco, não me ocorreu que a composição das mesas era diferente da dos outros anos. O que fizemos foi estabelecer um limite de dois autores estrangeiros por mesa e procuramos combinar temas. Por exemplo, estávamos considerando colocar o Houellebecq junto com alguém e não sozinho. Todos os nossos convidados têm potencial, mas alguns se encaixavam bem num debate com outro, e assim fizemos — diz Costa Pinto. — Sobre popularidade, a curadoria é uma escolha de autores com os quais eu me identifico. Não sinto tanto a falta de outros nomes. Talvez a gente não tenha um Nobel, mas Tabucchi e Ellroy, por exemplo, são autores de ficção com uma enorme representação de leitores.

### **Mesas de editores e de ciência**

Já entre os brasileiros, a seleção da Flip 2011 sofre da mesma carência da última edição: a de mais autores de ficção. Apenas quatro — Ubaldo, Ferroni, Silvestre e Coelho — têm trabalhos mais consistentes na área e eles serão divididos em duas mesas. Mas Costa Pinto lembra que a seleção da Casa de Cultura terá, entre outras, uma mesa com o gaúcho Leandro Samartz e o mineiro Carlos de Britto e Mello, representantes da nova geração de ficcionistas brasileiros.

— Existe uma correspondência de linguagem em outras áreas em relação à ficção. Há uma reflexão científica (Miguel Nicolelis e Luiz Felipe Pondé), uma mesa de editores (Enrique Krauze e John Freeman) e uma apresentação do espetáculo “Macumba antropófaga”, do Teatro Oficina, para lembrar Oswald de Andrade, o homenageado do ano. Acho que são paralelos que não diferem muito das outras Flips — diz Costa Pinto.

De tudo, a única certeza é que apenas quem for a Paraty poderá dizer se a Flip dará certo ou não. As compras de ingresso podem ser feitas pelo site [www.ticketsforfun.com.br](http://www.ticketsforfun.com.br), pelo telefone 4003-0848 ou por pontos de vendas listados em [www.flip.org.br](http://www.flip.org.br).